

O processo de escrita em um texto escolar: aproximações entre a Genética Textual e os estudos enunciativos benvenistianos

L'écriture des textes scolaires en cours: une rencontre entre la génétique textuelle et les études énonciatives benvenistiennes

Jorama Stein
Universidade Federal de Pelotasⁱ

Resumo: Este trabalho tem por objetivo apresentar a Crítica Genética como uma abordagem eficiente para a análise de textos escolares. Para tanto, encontramos nos estudos de Gréssilon (2007) e Fenoglio (2011), alinhados às formulações da teoria geral da linguagem de Émile Benveniste, uma reflexão pertinente para a análise de textos. O estudo do texto de uma aluna de Ensino Médio demonstra o quanto a observação de categorias como supressão, adição, substituição e deslocamento, utilizadas pelos estudiosos da genética do texto, pode favorecer o olhar do professor para o processo de escrita do aluno.

Palavras – chave: Genética Textual; Enunciação; Escrita; Análise de texto.

Résumé: Ce travail vise à présenter la critique génétique comme une approche efficace de l'analyse des textes scolaires. Pour cela, on trouve dans les travaux de Gréssilon (2007) et de Fenoglio (2011), alignés sur les formulations de la théorie générale du langage d'Émile Benveniste, une réflexion pertinente pour l'analyse des textes. L'étude du texte d'un élève du lycée montre à quel point l'observation de catégories telles que la suppression, l'addition, la substitution et le déplacement, utilisées par les chercheurs en génétique textuelle, peut favoriser la vision de l'enseignant sur le processus d'écriture de l'élève.

Mots clés: Génétique Textuelle; Énonciation ; Écriture; Analyse de texte.

Ponto de partida: aproximações entre a Genética Textual e as reflexões benvenistianas

Mas justamente neste caso, a iniciação linguística torna mais fácil, permite acolher com mais abertura noções ou pesquisas que visem a coordenar a teoria da literatura e a da língua. O senhor vê – e que esta seja a nossa conclusão – que muitas coisas se colocam ou se deslocam hoje na perspectiva da língua. Estas mudanças nos levam a uma readaptação contínua; porque estas são as mudanças em profundidade de onde nascerão talvez novas ciências (BENVENISTE, 2006[1968], p.40).

Benveniste indica, ao longo de suas reflexões, possibilidades de desdobramentos e de interfaces. Isso não é segredo para quem o estuda, como bem defende Teixeira (2012). Também são nossos conhecidos os estudos de geneticistas franceses a respeito da gênese da obra benvenistiana, a exemplo do trabalho de Fenoglio (2011), que versa sobre o texto *O aparelho formal da enunciação*, escrito por Benveniste ([1970] 2006)¹.

A reflexão que apresento se situa na possibilidade de encontrar nos estudos da Genética Textual uma interface eficiente para o estudo de textos, não só porque ela apresenta uma metodologia para olhar para a gênese textual, mas também porque ao estudar manuscritos ou diferentes versões de um mesmo texto busca olhar para o processo em detrimento ao produto, o que se alinha à perspectiva benvenistiana. Nesse sentido, nosso objetivo é refletir a respeito da contribuição da Genética Textual para a observação da escrita de alunos em fase escolar, a exemplo do estudo de Doquet (2003), que analisou textos produzidos por escolares franceses.

Se olharmos para o processo que envolve a produção de um texto, é inevitável lembrar que estamos olhando para toda a subjetividade implicada em sua elaboração. A partir do que Benveniste (2005,2006) nos apresenta em seus estudos, entendemos que enunciar é subjetivar a língua toda, logo, pensar em textos escritos, em uma perspectiva enunciativa benvenistiana, é mudar o nosso olhar sobre eles. Não é, por conseguinte, o texto do enunciado que é o nosso objeto, mas todo o processo enunciativo, todas as formas e mecanismos que são apropriados e agenciados em cada instância única do discurso escrito. No caso do texto escolar, por exemplo, interessa-nos a interferência do professor

¹ Ao citar as obras “Problemas de Linguística Geral I” (2005) e “Problemas de Linguística Geral II” (2006) referimos entre colchetes o ano da primeira publicação do texto mencionado por considerar que a ordem da primeira publicação dos textos interfere na constituição do pensamento teórico do linguista e, entre parênteses, trazemos o ano da edição consultada da obra em que o capítulo está incluso.

sobre a(s) versão(ões) do texto do aluno e mais ainda: o que o aluno, *scriptor*², faz a partir dessas interferências.

Benveniste (2006 [1963], p. 26) afirma que “a linguagem *reproduz* a realidade. Isso deve ser entendido da maneira mais literal: a realidade é produzida novamente por intermédio da linguagem.” Fenoglio (2011) filia-se à ideia benvenistiana de *reprodução* da realidade pela linguagem, ao propor a releitura dos manuscritos de Benveniste com o sentido de atenção renovada, não de repetição. Nesse sentido, ao olharmos para os textos de nossos alunos também podemos olhar para o caráter de renovação a cada agenciamento, de (re)dizer da enunciação escrita, que se constrói com base na enunciação falada mas de algum modo não tem nada a ver com ela.

Se há enunciação na escrita e, no interior de sua escrita, o *scripteur* “faz os indivíduos se enunciarem” (BENVENISTE, 2006 [1970], p.90), é porque há (inter)subjetividade no processo de *reescrita* também, só que as formas e os mecanismos são complexos no discurso da escrita para a *reescrita*. Permanecendo com Benveniste, vemos a necessidade de buscar um outro saber que ofereça suporte à análise de textos. Recorremos, assim, à Genética Textual.

Essa ciência pode nos auxiliar na leitura do processo de produção textual, uma vez que ocupa desde os anos 70 um lugar importante no cenário da pesquisa literária francesa. Nos dias de hoje, vem ocupando um papel fundamental no cenário dos estudos literários brasileiros e, no que diz respeito aos estudos linguísticos, propõe-se a uma interface com os estudos enunciativos.

Como bem lembram Silva e Flores (2011), as teorias enunciativas concebem o texto como produto da enunciação, portanto, ao se estudar as versões de um texto estariam sendo colocadas em foco as marcas que o locutor-scriptor deixa naquilo que diz. Essas marcas, que revelam a subjetividade daquele que escreve, só podem ser percebidas pela irrepetibilidade e singularidade de cada ato enunciativo, no qual sempre um alocutário-leitor é postulado.

Nesse sentido, para as teorias enunciativas não existe um texto objetivo e homogêneo. Sobre esses aspectos, recordamos a afirmação de Silva e Flores (2011):

² Preferimos o termo “*scriptor*”, que é uma tradução do termo *scripteur*, utilizado por Fenoglio (2009) para estudar manuscritos de grandes autores. Aqui, ele é usado para designar aquele que escreve a fim de vincular a relação da escrita com o seu processo, por isso deixamos os termos “*escritor*” ou “*autor*” para designar um maior vínculo com o produto final da escrita. Para maiores esclarecimentos, remetemos a Stein (2016).

Com relação ao primeiro aspecto, as teorias enunciativas concebem o texto como produto da enunciação e, como tal, extinguem a divisão objetividade/subjetividade, visto que, se o locutor descreve a realidade (aspecto objetivo), faz isso por meio de uma atitude (aspecto subjetivo) e, ao mesmo tempo, convoca um interlocutor a se constituir no discurso (aspecto intersubjetivo). Com relação ao segundo aspecto, o da homogeneidade, estudos enunciativos, como os de Oswald Ducrot, vem ressaltando que o discurso/enunciado é constituído por vários discursos, cujos supostos responsáveis podem ser diferentes daquele que efetivamente se responsabiliza pela enunciação (SILVA e FLORES, 2011, p. 109).

Esse olhar para o texto como produto da prática intersubjetiva, como um processo que se faz e se *re-faz*, é que permite uma interface com a crítica genética, pois esta, como afirma Gréssilon (2007), dá preferência à produção sobre o produto, à escritura sobre o escrito e à textualização sobre o texto.

A crítica genética instaura um novo olhar também sobre a literatura:

Seu objeto: os manuscritos literários, na medida em que portam o traço de uma dinâmica, a do texto em criação. Seu método: o desnudamento do corpo e do processo de escrita, acompanhado da construção de uma série de hipóteses sobre as operações escriturais. Sua intenção: a literatura como um fazer, como atividade, como movimento (GRÉSSILON, 2007, p.19).

A crítica genética inicialmente voltava-se para o estudo do manuscrito literário, mas hoje volta-se para o estudo das versões textuais que antecedem a versão final. Ela empresta suas categorias aos estudos de *corpus* oriundos de textos impressos ou digitalizados, escritos por alunos em fase escolar ou universitária, a exemplo da pesquisa de Fabre-Cols (2002), Doquet (2003) e Leblay (2012). Esses autores, por estudarem não mais o percurso de autores consagrados, mas sim de estudantes, preferem a designação Genética Textual para a abordagem.³

Nosso estudo também tem como foco a escrita e reescrita na escola. Observamos, portanto, as versões manuscritas do texto de uma aluna. Cada versão entregue para a professora é produto de uma reescrita. Em nossa análise, observaremos o texto produzido

³ Neste trabalho, preferimos o termo Genética Textual também, em consonância com a explicação de Doquet (2003). Para ela, o termo “crítica” estabelece relação direta com o literário, enquanto que “textual” remete a uma maior amplitude de textos.

em seu processo de reescrita, esse fazer que envolve uma tessitura através das categorias de supressão, inserção, substituição e deslocamento.⁴

A Genética Textual possibilita que produzamos um compartilhamento de saberes com a Linguística da Enunciação. Não se trata, nesse contexto, de buscar ser uma geneticista na enunciação, para a partir de todos os modelos de transcrição e métodos dos geneticistas empreender uma análise que, de uma certa maneira, produza um encontro com a enunciação benvenistiana. Trata-se de ser uma linguista da enunciação na crítica genética a fim de buscar uma ponte metodológica para sair da análise enunciativa intralinguística para uma análise enunciativa translinguística. Não quer dizer com isso que esta é a única forma de fazê-lo até porque isso seria reduzir os tais “inúmeros desdobramentos se abrem para o estudo das formas complexas do discurso” (Benveniste, 2006[1970]). Encontramos, no entanto, nessa ciência, tão aberta à interlocução com a enunciação, uma possibilidade para chegar ao texto e ouvi-lo mais adequadamente.

Nesse sentido, não cabe uma preocupação demasiada em seguir métodos de transcrição ou de análise, o que não significa em absoluto que não se deva valorizá-los. Trata-se de apropriar-se do saber construído pela Genética Textual para constituir uma rede do processo textual a ponto de que consigamos melhor visualizar o objeto de análise: um trecho do texto de uma aluna do Ensino Médio.

Essa possibilidade de diálogo já fora firmada por Hay em conferência na universidade de Nanterre, Paris (2014):

D'autre part, la génétique étudie l'écriture au niveau de ses fonctions les plus complexes. Elle soulève par là des questions que débordent le cadre d'une classique interprétation critique. Elles font de la génétique une entreprise interdisciplinaire, en position d'échange à la fois avec des recherches expérimentales et avec des disciplines de terrain. Par toutes ces caractéristiques, la critique génétique offre bien l'exemple d'une recherche "accross borders" (HAY, 2014, p. 1).⁵

⁴ Remetemo-nos aos estudos de Endruweit (2006), a qual mobiliza as categorias aqui mencionadas, muito embora não contemple a Crítica Genética. Leblay (2012) analisa o processo de escrita de textos considerando as categorias da Genética Textual com auxílio de um software. Destacamos, também, o estudo de Fabre-Cols (2002) sobre cada um desses movimentos em uma análise que une reflexões enunciativas e as formulações da GT para pensar a (re)escrita escolar. Para saber mais a respeito de possíveis deslocamentos dessas reflexões para o estudo de textos produzidos na universidade por graduandos, indicamos ler a análise da tese de Stein (2016).

⁵ Por outro lado, a genética estuda a escrita no nível de suas funções mais complexas. Ela levanta questões que vão além do quadro de uma interpretação crítica clássica. Elas fazem da genética um empreendimento interdisciplinar, em posição de intercâmbio tanto com a pesquisa experimental quanto com as disciplinas da área. Por todas essas características, a crítica genética oferece um bom exemplo de pesquisa "além-fronteiras". (HAY, 2014, p. 1, tradução minha).

Essa abertura para a pesquisa com textos provenientes da escola e da universidade é recente, ainda mais ao se tratar de textos produzidos no computador. Na origem dos estudos da crítica genética estão os textos manuscritos, mas atualmente ela tem aberto as portas para os textos redigidos no computador e para as possibilidades de utilizar a tecnologia para estudar a gênese da escrita. Hay (2014) problematizou as mudanças no estudo da gênese textual:

Les généticiens ont d'ailleurs tendance à considérer l'ordinateur comme le plus bel instrument jamais inventé pour l'étude des manuscrits[...] La génétique est volontiers considéré comme la science des manuscrites modernes. Mais en réalité, elle trouve ses premiers témoins bien loin dans le passé. Les premiers manuscrits génétiques, j'entends les premiers brouillons de travail remontent en réalité au XIVe siècle et leur apparition est elle-même le produit d'une longue histoire. [...] Notons au passage que ce témoin des temps anciens revient aujourd'hui pour trouver sa revanche dans le défile de l'écriture sur ordinateur (HAY, 2014, p. 6 e 7).⁶

Hay reflete sobre as facilidades de análise de textos a partir do advento da tecnologia, mas também sobre a impossibilidade de dar a ver todo o conjunto de um trabalho em seu formato original como se faz ao expor um dossiê manuscrito, uma vez que parece mais difícil dar visibilidade ao processo de escrita em computadores. É interessante o fato de ele colocar essa ciência na ordem da possibilidade de dar testemunho tanto da história da própria ciência quanto do que ela permite que visualizemos nos textos dos alunos. É a partir daí que empreendemos a análise.

Da reflexão teórica ao texto a ser analisado

Fabre-Cols (2004) explicita três pontos para quem deseja trabalhar com a Crítica Textual para analisar textos:

⁶ Os geneticistas tendem a considerar o computador como o mais belo instrumento já inventado para o estudo de manuscritos [...] A genética é prontamente considerada como a ciência dos manuscritos modernos. Mas, na realidade, ela encontra seus primeiros testemunhos no passado distante. Os primeiros manuscritos genéticos, quero dizer, os primeiros rascunhos de trabalho remontam na verdade ao século 14 e sua aparência é o produto de uma longa história. [...] Notemos de passagem que este testemunho de outrora volta hoje para encontrar a sua vingança no avanço da escrita para o computador. (HAY, 2014, p. 6 e 7, tradução minha).

1. La critique génétique propose un ancrage théorique et une méthode d'analyse des activités d'écriture.
2. La critique génétique permet de (se) représenter le fait d'écrire comme un travail et une recherche.
3. La critique génétique place le sujet scripteur au centre de sa production (FABRE-COLS, 2004, p. 20).⁷

Sobre o primeiro ponto, Fabre-Cols ressalta a relação da crítica genética com as teorias enunciativas, especialmente no que se refere aos trabalhos de Benveniste. Ela afirma que a enunciação é perceptível e analisável pelos traços deixados nos manuscritos e daí a importância de se investigar os arranjos sintagmáticos:

Ces énoncés modifiés sont aussi analysables selon des ensembles syntagmatiques, et la progression d'un état de texte à un autre peut être reconstituée selon des opérations linguistiques de suppression, d'ajout, de déplacement, de permutation, de remplacement, c'est-à-dire par de variétés de la substitution (FABRE-COLS, 2004, p. 19).⁸

Nesse contexto, recorreremos ao segundo ponto para fazer do texto da aluna um todo analisável a partir da observação das operações linguísticas das diferentes versões dessa escrita, ainda que nosso foco não seja a análise dos arranjos sintagmáticos. É o momento de observar as operações linguísticas mobilizadas por ela por decisão própria ou para atender às sugestões realizadas pela professora durante a revisão, conforme as categorias da Genética Textual: inserção, supressão, substituição e deslocamento. Após a transcrição diplomática de trechos do texto, faremos uma leitura dos movimentos realizados, uma vez que alguns foram sinalizados pela professora, porém outros foram realizados pela aluna de uma versão para outra e só são observáveis a partir de uma comparação entre as versões.

De acordo com Grésillon (2007), a transcrição diplomática consiste na reprodução quase idêntica do texto original a fim de permitir que o texto seja facilmente lido. O que ela deve apresentar? "Toda transcrição deve reproduzir ao pé-da-letra a totalidade do original,

⁷ 1. A crítica genética propõe uma ancoragem teórica e um método de análise das atividades de escrita.

2. A crítica genética permite (se)representar de fato a escrita como um trabalho e uma pesquisa.

3. A crítica genética coloca o sujeito scriptor no centro de sua produção. (FABRE-COLS, 2004, p. 20, tradução minha).

⁸ Esses enunciados modificados também podem ser analisados de acordo com conjuntos sintagmáticos, e a progressão de um estado do texto para outro pode ser reconstituída de acordo com operações linguísticas de supressão, adição, deslocamento, permuta, substituição, ou seja, por variedades da substituição (FABRE-COLS, 2004, p. 19, tradução minha).

incluindo sua ortografia e pontuação por vezes estranhas ou incorretas[...]" (GRÉSILLON, 2007, p. 170). A autora esclarece, também, que a transcrição reflete um trabalho de análise e que, nesse sentido, é importante compreender que "o objetivo da transcrição não é a perfeição, mas a perfectibilidade" (GRÉSILLON, 2007, p. 170).

Nesse contexto, tanto no caso da transcrição quanto da descrição há implicação subjetiva da pesquisadora. Conforme Flores (2006, p. 62):

A enunciação é um ato que não pode ser visto desvinculadamente do sujeito, cabe dizer que a transcrição é, nesse caso, um ato de enunciação em que o "dado" a ser transcrito tem seu estatuto enunciativo alterado. A transcrição é, por esse viés, uma enunciação sobre outra enunciação.

Assim, acreditamos que a transcrição também seja uma metaenunciação, em que, como pesquisadores, nos enunciamos acerca da enunciação do texto analisado. É importante que reconheçamos ainda mais as implicações do ato de transcrever:

Compreender que o ato de transcrever é um ato de enunciação requer pensá-lo à luz da estrutura enunciativa, que prevê a relação intersubjetiva (as pessoas *eu-tu*); a constituição de referências no enunciado/discurso por meio da conversão da língua em discurso (a não pessoa *ele*- de quem ou de que *eu-tu* falam) e os valores culturais constitutivos do ato de enunciar (ELE). Por isso, conforme Silva (2009), consideramos que o transcritor também está inserido na estrutura enunciativa (*eu-tu/ele*) - ELE, que o encaminha a converter a enunciação oral, o sistema escrito e as convenções de transcrição adotadas (SILVA e SURREAUX, 2011, p. 4).

Nesse sentido, o transcritor/descritor, afastado da cena enunciativa, atualiza a cena em um novo discurso, implicando-se subjetivamente em seu transcrever/descrever. Já que está inevitavelmente implicado, a ele cabe também transcrever utilizando convenções próprias calcadas em seus conhecimentos teóricos e no desejo de ser o mais fiel possível ao *aqui-agora* sobre o qual trata, ainda que haja a margem de infidelidade devido ao novo *eu-tu-aqui-agora* instaurado pela nova instância enunciativa.

Para Flores (2006), a transcrição é um processo constituído pelos atos de *ciframento* e *deciframento*. O primeiro diz respeito à tentativa de burlar o *tudo não se diz*, já o segundo é uma leitura do *mostrado*, pois supõe uma totalidade, uma vez que se pretende que nela não seja lido mais do que aquilo que se pretendeu escrever. Por isso, Silva e Surreaux (2011)

apontam que a conversão do oral em escrito implica sempre um recorte relacionado à instanciamento da escrita na fala e da fala na escrita.

Nesse caso, entra em jogo a subjetividade do que transcreve junto de sua compreensão acerca da complexidade da escrita. Assim como passar do oral para o escrito, não se trata, como lemos em Benveniste, de uma mera reprodução, mas de uma *re*-produção, pois implica um novo dizer, também ao transcrevermos/relatarmos colocamos diante de um enlace com o objeto de estudo que faz com que inevitavelmente nos impliquemos nele.

Ao transcrever diplomaticamente o texto em análise (ou parte dele), também será exigido um movimento analítico, uma vez que há um scriptor que ao escrever o faz para um alocutário, o qual está ausente do *aqui-agora*, mas é convocado à cena para que o *ele* possa acontecer. Quem transcreve é um pesquisador, que ao colocar-se como *eu* para relatar/transcrever, interpreta, toma um posicionamento diante do texto transcrito e convoca um tu-leitor da análise, instaurando uma nova forma de olhar para o mesmo texto. Nas palavras de Surreaux:

[...] trata-se, portanto, de coexistirem na transcrição duas cenas enunciativas: a primeira que é constituída por uma perda fundante, já que tudo não se transcreve; a segunda que é do transcritor, já que a transcrição é sempre produto de um ato interpretativo. (SURREAUX, 2006, p. 139).

Enfim:

é por considerar a "perda", "a falta", "o gesto interpretativo do transcritor" e a "impossibilidade de tudo *dizer* e *mostrar*, que uma transcrição é considerada como uma etapa da análise de dados porque está vinculada à singularidade de cada pesquisa (SILVA e SURREAUX, 2011, p. 9).

Diante dessa reflexão, o terceiro ponto apresentado por Grésillon (2007) muito nos interessa porque coloca em relevo a singularidade de cada produção analisada, uma vez que centra a preocupação do estudo no sujeito que advém de cada texto produzido no decorrer do processo de escrita.

A crítica genética, portanto, neste trabalho, desloca-se da linha de estudos das obras literárias e das obras de grandes linguistas para o estudo dos textos produzidos por alunos universitários, a exemplo dos estudos já mencionados: na França, Leblay e Fabre-Cols; no

Brasil: Endruweit, Grespan, Araújo.⁹ Nas obras desses autores, como vimos na introdução deste trabalho, há uma preocupação em encontrar, nas categorias de análise propostas pela crítica genética, suporte para analisar textos produzidos por alunos em idade escolar e textos produzidos por escritores em formação.

O texto cujos trechos analisamos foi escrito por uma aluna do primeiro ano do Ensino Médio, a qual realizava a disciplina de língua portuguesa no contraturno, no regime de progressão parcial, pois havia tido média insuficiente ao final do ano letivo anterior para passar na disciplina de língua portuguesa. O texto foi escrito em sala de aula, no formato manuscrito. Ela leu a crônica “A arte de Ouvir”, de autoria de Rubem Alves e, a partir dessa escrita, deveria produzir um texto de opinião.

Como já mencionado é típico de quem toma a Genética Textual como aporte teórico ou interface, faremos a transcrição diplomática, cuja finalidade e objetivos já foram explicitados. No entanto, é importante lembrar que além do fato de a transcrição integrar a análise por ter um transcritor por trás, ela também integra a análise pelas próprias operações linguísticas mobilizadas, que, em si mesmas, acabam por oferecer-nos a oportunidade de nos implicarmos subjetivamente.

Como convenção de transcrição, salientamos que o que está entre colchetes foi acrescentado; o que está riscado foi suprimido. Os movimentos apresentados em negrito seguem a mesma regra, mas foram realizados pela professora.

Apresento, portanto, dois trechos do texto para análise, os quais foram escolhidos por serem aqueles em que há intervenção de fato da professora e alguma modificação realizada pela aluna na reescrita. O texto, na íntegra, está em anexo.

Quadro 1. Trecho 1

Rascunho:

Respeito não é só as palavras magicas, vai muito além disso...Respeito é ter educação com o próximo e muitas vezes ~~ter~~ maturidade para aceitar métodos e experiencias de vida, do [próximo] ~~mesmo não concordando com tal ato/assunto.~~

Versão 1:

Respeito não é só palavras mágicas, vai muito além disso...Respeito é ter educação com o próximo e muitas vezes maturidade para aceitar métodos e experiências de vida do

⁹ Para maiores delimitações, ver Stein (2016).

próximo, mesmo não concordando com tal ato/opção/assunto. [São sinônimos?] Por exemplo: hoje em dia existe um número muito grande de gays, lésbicas, entre outras sexualidades [?] e, muita gente não aceita estas opções de vida que o ser humano escolhe, mas, me diz...somos todos iguais, apenas com a vida diferenciada, então por que não aceitar as escolhas de nossos irmãos?

Versão 2:

Respeito não é só as palavras mágicas, vai muito além disso. Respeito é ter educação com o próximo e muitas vezes maturidade para aceitar métodos e experiências de vida do próximo, mesmo não concordando com tal ato por exemplo.

Hoje em dia existe um número muito grande de gays, ~~lésbicas, entre outras sexualidades~~ [?] e, muita gente não aceita estas opções de vida que o ser humano escolhe, mas, me diz...somos todos iguais, apenas com a vida diferenciada, então por que não aceitar as escolhas de nossos irmãos?

Versão 3– parágrafos mantidos como na segunda versão

Nesse trecho, logo no rascunho, é possível perceber que aquela que escreve subtrai a expressão: “mesmo não concordando com tal ato, assunto”, a qual retorna à primeira versão acrescida de uma dúvida a respeito de qual expressão escolher, uma vez que quem escreve divide vários termos por barras (ato/opção/assunto). Há, portanto, um texto se fabricando, em que aquela que o produz, abre-se para a intervenção da professora. Esta, ao revisar, questiona se os termos são sinônimos. Na segunda versão, a aluna opta pelo termo “ato”, o que diante dos demais, revela que, apesar dos problemas de formulação do parágrafo, há destaque para o respeito que se deve ter com o outro independente do seu ato, ou seja, das ações que este realizar.

No entanto, no mesmo parágrafo da versão 1, a aluna acrescenta ao texto rascunhado a existência de pessoas gays e lésbicas e coloca os termos utilizados para designá-las na categoria “sexualidade” ao utilizar em seguida a expressão “entre outras sexualidades”. A professora coloca um ponto de interrogação diante da inadequação do termo, no entanto na versão seguinte a aluna somente o suprime. Emerge, daí, portanto, um sujeito que tem dificuldades em readequar a expressão, muito provavelmente por não entender as questões de gênero envolvidas com tal uso. Essa opção por subtrair é, conforme Fabre-Cols (2002), comum à maior parte dos escolares com dificuldades de

resolver a intervenção da professora. Soma-se a isso o fato de a aluna afirmar em seguida “muita gente não aceita estas opções de vida que o ser humano escolhe”, o que coloca em evidência a dúvida apontada por ela mesma anteriormente ao questionar a escolha de ato/opção/assunto para tratar das diversidades, ou seja, o sujeito que daí emerge claramente entende que ser gay ou lésbica é uma opção, escolha. Ainda que tente colocar a questão como algo a ser tratado com respeito, fica clara a impossibilidade de uma argumentação sólida tendo em vista os substantivos escolhidos para se referir à orientação sexual: “sexualidades” antecipada pelo pronome indefinido “outras” e “opção” seguida de “escolha”, substantivos que revelam a dificuldade apresentada por ela de encarar com naturalidade a diversidade de orientação sexual. Observamos que é um movimento significativo que poderia ter levado a um reposicionamento da professora ao revisar a nova versão. Essa notória dificuldade poderia, por exemplo, ter conduzido ao esclarecimento das noções de gênero e sexualidade junto à aluna antes de ela prosseguir a elaboração do texto.

Já no último parágrafo do texto, temos a seguinte produção:

Quadro 2. Trecho 2

Rascunho Acredito que ninguém gosta de ser tratado mal, receber ofensas e ser desrespeitado, então sempre digo [acredito] que se deve tratar o próximo como gostaria de ser tratado, pois ninguém é diferente de ninguém. V. 1 Acredito que ninguém gosta de ser tratado mal, receber ofensas, e ser desrespeitado, então trate o próximo como gostaria de ser tratado, <u>pois ninguém é diferente de ninguém.</u> [Tem certeza? Em que sentido?] V. 2 Acredito que ninguém gostaria de ser tratado mal, receber ofensas, e ser desrespeitado, então trate o próximo como gostaria de ser tratado, pois [todos somos seres humanos]. v. 3 – inserção mantida

Nesse trecho, ganha destaque a intervenção da professora, que questiona a escolha da aluna de ligar a ideia de que devemos tratar a todos como gostamos de ser tratados à

justificativa apresentada em “pois ninguém é diferente de ninguém”. Ao questioná-la, a professora, em seu papel mobilizador, insere um questionamento: “Tem certeza? Em qual sentido?”

Diante disso, a aluna decide substituir a expressão criticada por “pois todos somos seres humanos”. Com essa inserção, a humanidade ganha destaque em detrimento da diferença, o que parece ser uma solução que ao menos não manifesta um sujeito tão contraditório quanto o anterior que primeiro havia manifestado diferenças marcadas pela “sexualidade” e que em seguida passa a afirmar não haver diferenças entre os seres humanos. No entanto, a segunda versão exclui a noção de diferença entre as pessoas para inserir a de humanidade como condição para se tratar a todos com respeito. Tal inserção é uma tentativa de responder ao questionamento feito pela professora na versão anterior, mesmo assim essa substituição não consegue delimitar muito bem o ponto de vista da autora, uma vez que houve uma certa confusão no tratamento de alguns termos ao longo do texto, especialmente no que se refere às questões de gênero e sexualidade.

A escolha pela expressão “todos somos seres humanos” acaba por reiterar aquilo que é da ordem da crença, uma vez que a aluna opta por no rascunho riscar “sempre digo” e substituir por “acredito”. Na verdade, desde o planejamento do texto aquilo que é da ordem do crer ganha evidência até mesmo porque no terceiro parágrafo ela menciona: “somos todos iguais, apenas com a vida diferenciada, então por que não aceitar a escolha de nossos irmãos?” Esse questionamento com a escolha de “nossos irmãos” para se referir ao leitor e às pessoas em geral fortalece o eixo da crença que perpassa o texto. Nesse sentido, o sujeito que emerge é alguém que acredita que devemos respeitar pela condição de “irmandade” que nos une e que nos coloca, de certa maneira, numa condição de igualdade. No entanto, trata-se de alguém com dificuldades de compreender diferenças relacionadas a gênero e à orientação sexual, o que torna os argumentos bastante superficiais de forma que o ponto de vista defendido acaba reduzido a clichês muito ligados a crenças e o texto mostra-se frágil do ponto de vista da consistência argumentativa.

Por fim, observar os movimentos realizados pela aluna em resposta à intervenção da professora é de grande valia, pois pode auxiliar não só o professor a planejar o trabalho com a escrita em sala de aula como também a própria aluna pode se reavaliar e aprimorar o seu texto. É importante entender, nesse contexto, que todo esse processo é um aprendizado tanto para o docente quanto para a discente, em que é possível perceber o início de uma

parceria na enunciação escrita que tem potencial para fazer com que pouco a pouco a autoria torne-se ainda mais evidente.

Considerações finais

Ao final dessa discussão teórica, seguida de uma breve análise, fica clara a abertura para profícuos estudos entre a Genética Textual e os estudos enunciativos benvenistianos. Muito embora a discussão realizada não seja um estudo aprofundado dessa interface, ela apresenta uma possibilidade para o pesquisador que estuda escrita e para o professor que a ensina.

Nesse sentido, faz-se necessário que outros textos de escolares sejam estudados de forma ainda mais minuciosa a fim de que a análise de cada processo conduza não a uma generalização do que o professor pode fazer em sala de aula, mas produza uma reflexão que interroge o olhar do docente diante do processo de escrita do seu aluno, do pesquisador diante da análise da singularidade de cada texto e, também, do próprio aluno ao (re)conhecer(se) (em) seu próprio processo de escrita, afinal a escola necessita de um ensino de escrita em que haja lugar para que o estudante se constitua como autor.

Além disso, em futuros estudos, será possível estreitar os laços entre as reflexões benvenistianas e a Genética Textual, uma vez que ainda é preciso ver esta como uma abordagem que não só permite que o pesquisador e o professor visualizem os textos mas também como uma ciência que, ao estudar como diversas categorias operam no processo de escrita, pode mobilizar reflexões que nos permitam refletir de forma mais aprofundada a respeito da elaboração textual, constituição de autoria, relações entre pensamento e linguagem e relações entre língua, escrita e sujeito.

ANEXOS

ANEXO A - Rascunho

A Arte de Respeitar
Respeito aos nossos? Respeito aos outros?

O respeito vem do verbo, respeito os pais, que sabem dar o melhor aos seus filhos que, no futuro, serão beneficiados.

Respeito não vem de se passar as mãos, vai muito além disso. Respeito é dar educação com o próximo a muitas vezes, maturidade para aceitar métodos e experiências de vida do próximo, mesmo não concordando com tal ato / época / assunto. Por exemplo: hoje em dia existe um número muito grande de gente, entre outras coisas, muita gente não aceita esta época de vida que é ser humano assim, mas, me diz... somos todos iguais, apenas com a vida diferenciada, então por que não aceitar as coisas de nossos irmãos?

Sempre devemos respeitar o próximo para viver o mesmo, pois se eu não fizer isto, não posso reclamar por não ser respeitado pelas pessoas. Obviamente quando um médico trata seus pacientes bem, com educação e respeito, o mesmo se sente bem atendido e muitas vezes até com mais liberdade para dar ideias, etc.

O reconhecimento destes médicos e outras pessoas que possuem o dom do respeito é enorme a sociedade reconhece estes pontos positivos e com certeza é muito agradecida e isso cria virtudes.

Sinto imensa felicidade ao ajudar uma pessoa idosa a ir a qualquer lugar; é muito prazeroso ouvir palavras de agradecimento após um ato que não dura de nada, mas é uma verdadeira expressão de respeito!

Alguém que ninguém gosta de ser tratado mal, receber ofensas, e ser desrespeitado, então trata o próximo como gosta de ser tratado, pois ninguém é diferente de ninguém.

Respeito?
Com que sentido?

ANEXO C - Versão 2

A Arte de Respeitar

Respeito os pais que sabem dar respeito aos seus filhos, os quais mais para frente serão beneficiados.

Respeito não vem de se passar as mãos, vai muito além disso. Respeito é dar educação com o próximo a muitas vezes, maturidade para aceitar métodos e experiências de vida do próximo, mesmo não concordando com tal ato por exemplo.

Hoje em dia existe um número muito grande de gente, e muita gente não aceita esta época de vida que é ser humano assim, mas, me diz... somos todos iguais, apenas com a vida diferenciada, então por que não aceitar as coisas de nossos irmãos?

Sempre devemos respeitar o próximo para viver o mesmo, pois se eu não fizer isto, não posso reclamar por não ser respeitado pelas pessoas. Obviamente quando um médico trata seus pacientes bem, com educação e respeito, a pessoa se sente bem atendida e muitas vezes até com mais liberdade para dar ideias, etc...

O reconhecimento destes médicos e outras pessoas que possuem o dom do respeito é enorme e a sociedade reconhece estes pontos positivos, assim, procura agradecer e contribuir.

Sinto imensa felicidade ao ajudar uma pessoa idosa a ir a qualquer lugar; é muito prazeroso ouvir palavras de agradecimento após um ato que não dura de nada, mas é uma verdadeira expressão de respeito!

É muito agradável ouvir palavras de agradecimento
após um ato solidário.

Acredito que ninguém gosta de ser tratado mal, ou
seja ofendido, e ser desrespeitado, então trata o próximo
como gostaria de ser tratado, pois todos somos seres
humanos.

ANEXO D - Versão 3

A Arte de Respeitar.

Acredito os pais que sabem educar seus filhos, os quais
mais para frente serão beneficiados.

Respeito não é só usar palavras mágicas, vai muito além
disso... Respeito é ter educação com o próximo e muitas
vezes maturidade para aceitar métodos e experiências de
toda a pessoa, mesmo não concordando com tal ato
por exemplo.

Hoje em dia existe um número muito grande de gays, e
muita gente não aceita esta opção de vida que o ser huma-
no existe, mas, me dig... somos todos iguais, apenas com a
vida diferenciada, então por que não aceitar as escolhas de
nossos irmãos?

Sempre preciso respeitar o próximo para viver o mes-
mo, pois se eu não fizer isto, não posso reclamar por
não ser respeitado pelas pessoas. Obviamente quando um
médico trata seus pacientes bem, com educação e respeito,
a pessoa se sente bem doente e muitas vezes até com
mais liberdade para tirar dúvidas, etc.

O desconhecimento dos médicos e outras pessoas que por
usarem o dom do respeito é enorme e a sociedade re-
conhece estes pontos positivos, assim, precisa agradecer a ele
tributur.

Sinto imensa felicidade ao ajudar uma pessoa carente
ou cega na rua, no ônibus ou em qualquer lugar;

O prazer de ouvir palavras de agradecimento

após um ato solidário é enorme.

Acredito que ninguém gosta de ser tratado mal, ou
seja ofendido, e ser desrespeitado, então trata o próximo co-
mo gostaria de ser tratado, pois todos somos seres humanos.

Versões escritas pela aluna da oficina de Produção Textual com publicação autorizada à pesquisadora.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

- BENVENISTE, Émile. **Últimas aulas no Collège de France**. São Paulo: ed. da UNESP, 2014.
- DOQUET, Claire. **Étude Génétique de l'écriture sur le traitement de textes d'élèves e Cours Moyen 2**. Paris: Sorbonne Nouvelle, 2003.
- ENDRUWEIT, Magali Lopes. **A escrita enunciativa e os rastros da singularidade**. 2006. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- FABRE-COLS, Claudine. Les brouillons et l'école: ce qu'a changé la critique génétique. In : **Le français aujourd'hui**. Paris, n° 144, , 2004, p. 18-24.
- FABRE-COLS, Claudine. **Réécrire à l'école et au collège**: de l'analyse des brouillons à l'écriture accompagnée. França : ESF, 2002.
- FENOGLIO, Irène. Déplier l'écriture pour re-lire l'article publié. Les manuscrites de « L'appareil formel de l'énonciation » d'Émile Benveniste. In: BRUNET, Émilie; MAHRER, R. **Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de Linguistique Générale**. Bruxelles: Academia, coll."Sciences du langage: carrefours et points de vue", n° 3, 2011, p. 263-264; p. 275-277.
- FLORES, Valdir do Nascimento. **Entre o dizer e o mostrar**: a transcrição como modalidade de enunciação. Organon, v. 40-41, p. 30-45, Porto Alegre: ed. da UFRGS, 2006.
- GRESPLAN, Viviane Maria da Silva. **A (re) escrita no processo de criação: um estudo enunciativo de rascunhos em oficina literária**. Dissertação de Mestrado (Linguística Aplicada). São Leopoldo: UNISINOS, 2010. Orientação: Dra. Marlene Teixeira.
- GRÉSSILON, Almuth. **Elementos de crítica genética**: ler os manuscritos modernos. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2007.
- HAY, Louis. **La critique génétique: un autre approche de l'écriture?** Conferência oral e impressa. Congresso Internacional Writing Across Borders III / Recherches sur l'Écriture Sans Frontières III. Paris: Nanterre Université, 2014, p. 1-19.
- LEBLAY, Chistopher. **Le temps de l'écriture** : genèse, durée, représentations. Tese de doutorado. Finlândia: Universiy of Jyväskylä, 2011. Orientação: Irène Fenoglio, Seppo Tella e Riika Alanen.
- SILVA, Carmem Luci da Costa; FLORES, Valdir do Nascimento. Os estudos enunciativos da linguagem e suas relações com a linguística e com as áreas conexas. In: SILVEIRA, Eliane Mara (Org.). **As bordas da linguagem**. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- SILVA, Carmen Luci da Costa; SURREAUX, Luiza Milano. O tratamento do dado em aquisição e distúrbios de linguagem: uma leitura linguístico-enunciativa. In: FERREIRA-

GONÇALVES, Giovana, BRUM DE PAULA, Mirian, KESKE-SOARES, Márcia. **Estudos em aquisição fonológica**, v. 4. Pelotas: ed. Universitária/ UFPel, 2011.

STEIN, Jorama de Quadros. **"Eu não sou essa escrita aí e, ao mesmo tempo, essa escrita é minha!"**: por uma problematização enunciativa benvenistiana para o ensino de escrita. Tese de doutorado (Linguística Aplicada). São Leopoldo: UNISINOS, 2016. Orientação: Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores e Profa. Dra. Dorotea Frank Kersch.

TEIXEIRA, Marlene. O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem. In: **Desenredo**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, v. 8, n. 1, jan./jun. 2012, p. 71-83.

ⁱ Docente da área de Linguística e Ensino do Centro de Letras e Comunicação da UFPel.

E-mail: jorama.stein@ufpel.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4722-9913>

Recebido em 08/06/2023

Aprovado em 02/08/2023



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).